



Cancro: Cerca de 900 novas moléculas em investigação

Quase 900 novas moléculas para tratamento de cancro estão em investigação ou a aguardar já aprovação no mundo, sendo que apenas 15% destes medicamentos acabarão por chegar ao mercado, segundo a Sociedade Portuguesa de Oncologia (SPO).

Ricardo Luz, presidente da SPO, admite que o mundo assiste atualmente a um momento de inovação na área da oncologia, salientando que os medicamentos são o principal ? determinante na taxa de sobrevivência dos pacientes?.

"Este momento é um momento excitante para quem trata e lida com cancro", comentou.

Num encontro em Lisboa com jornalistas promovido pela Liga Portuguesa Contra o Cancro, o especialista adiantou que para os cancros mais comuns estão em fase de investigação mais de 300 novas moléculas: 91 para o cancro da mama, 98 para o do pulmão, 55 para o colo-rectal e 80 para o tumor da próstata.

?Vai haver grande futuro no tratamento oncológico?, afirmou Ricardo Luz, explicando que isto se deve também ao aumento da incidência da doença, em consequência também do crescimento da esperança média de vida.

?A incidência [novos casos] vai aumentar muito. O principal fator será a longevidade das pessoas, que agora têm tempo para ter cancro. Nas idades adultas a doença está a aumentar e na senioridade, então, é que aumenta muito?, sublinhou.

Estimativas norte-americanas apontam para um aumento de incidência de cancro de 70 por cento em 2030, revelou, acrescentando que ainda não há dados sobre Portugal.

Também a prevalência (quantidade total de pessoas a sobreviver com cancro) deverá aumentar um pouco por todo o mundo, já que os tratamentos se têm revelado mais eficazes.

Sobre o custo dos fármacos inovadores em oncologia, Ricardo Luz apelou à comunidade médica para que haja ? mais rigor? na prescrição, selecionando bem os doentes e garantindo os tratamentos que têm qualidade.

O responsável avisou que medicamento novo não é sinónimo de que serve para todos os doentes, ao mesmo tempo que alertou para a excessiva prescrição em Portugal de fármacos muito antigos e cujas provas de eficácia já são questionáveis.

Para o presidente da SPO, os Estados encontrarão sempre uma solução para conseguir pagar os medicamentos que tragam melhorias significativas para os doentes: ?Se aparecer um medicamento super eficaz, o Estado não tem capacidade de dizer que não?.

Naqueles que revelam melhorias marginais, como tem acontecido nos últimos anos, a tendência é para tentar dificultar a entrada no mercado, através de atrasos nas aprovações ou recusas, exemplificou.

Ricardo Luz diz também compreender a posição da indústria farmacêutica, uma vez os menos de 10% de moléculas investigadas que chegam ao mercado têm que ter rentabilidade para pagar todas as outras que não chegam.